

Despedida de
Ozzy Osbourne
conquista a crítica

PÁGINA 5



Djaimilia Pereira
de Almeida reflete
sobre o luto

PÁGINA 6



Luiz Aquila
inaugura nova
mostra na cidade

PÁGINA 7



2º CADERNO

CinemaScopio/Divulgação

Após o sucesso em Cannes, thriller político 'O Agente Secreto', de Kleber Mendonça Filho, terá lançamento comercial em 94 países



Com atuação premiada em Cannes, Wagner Moura, o protagonista de 'O Agente Secreto', vem sendo apontado como potencial candidato ao Oscar de Melhor Ator na premiação do próximo ano

De Recife para o mundo

Por Affonso Nunes

Depois da consagração no Festival de Cannes, de onde saiu com quatro prêmios, "O Agente Secreto", de Kleber Mendonça Filho, só vai estrear no circuito brasileiro em 6 de novembro. Mas não será só aqui. O thriller político ambientado em Recife no turbulento ano de 1977, confirmou distribuição em 94 países, abrangendo mercados cinematográficos de peso

como China, Estados Unidos, México e Coreia do Sul, além de territórios diversos como Grécia, Índia, Nova Zelândia e Finlândia. A comercialização internacional fica a cargo da MK2, empresa especializada em levar produções autorais aos circuitos globais.

A trajetória do filme pelo mundo ganhou impulso decisivo no festival francês, onde Mendonça Filho não apenas conquistou o prêmio de Direção, mas também viu seu protagonista Wagner Moura ser reconhecido como Melhor Ator. O reconhecimento da crítica especializada veio através do Prêmio Fipresci - concedido pela Federação Internacional de Críticos de Cinema - e

do prêmio "Art et Essai", da Associação Francesa de Cinema d'Art et d'Essai.

As sessões especiais que precedem o lançamento comercial revelam o interesse crescente do público internacional pela obra do realizador pernambucano. A exibição gratuita no pátio do Museu do Louvre, em Paris, no último fim de semana, posiciona o cinema brasileiro em um dos espaços culturais mais prestigiosos do mundo.

Portugal também receberá sessões especiais antes do lançamento comercial, com apresentações confirmadas para Lisboa e Porto, com a presença do diretor.

Na trama, Moura vive Marcelo, um

especialista em tecnologia que retorna ao Recife em busca de refúgio, mas encontra uma cidade que espelha as tensões de um período conturbado da ditadura militar. O elenco reúne nomes consolidados do cinema nacional, incluindo Maria Fernanda Cândido, Gabriel Leone, Carlos Francisco, Hermila Guedes, Alice Carvalho e Roberto Diogenes.

A distribuição do longa no Brasil ficará a cargo da Vitrine Filmes, enquanto internacionalmente o filme será lançado pela NEON nos Estados Unidos e Canadá, e pela MUBI no Reino Unido, Irlanda, Índia e América Latina.

Laurent le Crabe/Divulgação



'Diamante Bruto' concorreu à Palma de Ouro de 2024 e passou pelo Varilux no Rio

Vaidades que alumboram

Destaque de Cannes em 2024, 'Diamante Bruto', espécie de 'Retrato de Dorian Gray' dos anos 2020 chega ao Brasil via Mubi

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Streamings têm assumido um papel essencial para a cinefilia brasileira ao assegurar espaço no país para filmes que o circuito não teve chance de absorver, como comprova a entrada de "O Reformatório Nickel" e "A Ordem" na Prime Video da Amazon. Esta semana, a Mubi, que tem sido um escaudouro de candidatos a cult em nossas telas, garantiu que uma joia garimpada por Cannes, em 2024, encontra-se um pouso seguro entre

nós: "Diamante Bruto", da realizadora francesa Agathe Riedinger.

Indicada à Palma de Ouro e exibida em salas lotadas no Festival Varilux, em várias cidades do país, essa reflexão sobre aparência(s) senta praça agora na URL www.mubi.com.

Seu roteiro conversa com um marco da literatura. Ali pelos idos de 1890, "O Retrato de Dorian Gray" ficou de prosa com a sociedade europeia, ganhando o Atlântico e o Pacífico nas ondas das reflexões de Oscar Fingal O'Flahertie Wills Wilde (1854–1900) sobre o preço impagável da beleza eterna. O escambo de almas acaba sempre

por entrar na equação financeira da vaidade a qualquer custo.

O tema era inquietante para a vida dos modernos, e segue na mesma linha de alerta pós-modernidade adentro, como se vê no trabalho de investigação antropológico de Agathe em "Diamant Brut" (título original). A produção foi o primeiro título da seleção competitiva de Cannes do ano passado, destacando-se num certame vencido por "Anora". Sua narrativa abriu alas para uma jovem cineasta francófona egressa de curtas-metragens. Não por acaso, a cineasta tratou de questões similares nos 23 minutos de seu "J'Attends Jupiter", que foi lançado em 2018. Estreou no formato longa propondo uma expansão desse filme de outrora – que ficou no radar da crítica.

Amparada pela dionisíaca direção de fotografia de Noé Bach, galvanizada pela mon-

tagem de Lila Desiles, seu "Diamante Bruto" lapida uma análise de campo sobre a histeria da fama a todo e qualquer custo, o que exige jovialidade. Sua protagonista, Liane, de 19 anos (interpretada por Malou Khebizi), vive com a mãe e a irmã mais nova num bairro pobre de Fréjus e tem muito cuidado com a sua aparência. Sabe que atrai olhares nas ruas e favorece a objetificação com um intuito de lucrar com ela, numa inversão dos pleitos antimachistas do presente. Administra seu charme como um patrimônio e joga o jogo do sexismo na crença de que ela dá as cartas e vira os dados a seu bel-prazer.

Na ânsia de ser reconhecida, não por vizinhos, mas pela mídia, mira nos reality shows. Acredita que qualquer "Grande Irmão" da TV, com audiência 24 horas a pay-per-view, há de dar a ela o amor que tanto deseja. Um amor em escopo nacional, quiçá continental. É assim que encara o "Big Brother". Cheia de esperança, fez uma audição para a 9ª temporada de "Miracle Island", um programa de enorme sucesso. Para isso, contudo, vai fazer o mesmo que o Dorian Gray de Wilde e vai pactuar com diabos sem qualquer empatia. Os feitos da jovem, à luz da abordagem cítrica e crítica de Agathe, dão margem para um estudo sobre histerias eletrônicas, num mundo que posta falsos sorrisos para se fazer conectar com a posteridade.

Nesta sexta, a Mubi estreia com exclusividade "Magic Farm", nova comédia de Amalia Ulman ("El Planeta"), na qual uma equipe desastrada de documentaristas aterrissa por engano em um vilarejo rural argentino em busca de uma história viral. Chloë Sevigny, Alex Wolff e Simon Rex estão no elenco. No fim do mês, no dia 25, a plataforma traz ao país "Tóxico" ("Akipleša"), de Saule Bliuvaite, lá da Lituânia. O ganhador do Leopardo de Ouro do Festival de Locarno de 2024 gravita entre a perplexidade e a sororidade. Abandonada pela mãe, Maria, de 13 anos, é obrigada a viver com a avó numa cidade industrial deprimente. Durante um confronto violento na rua, ela conhece a aspirante a modelo Kristina. Buscando se aproximar dela, Maria se inscreve numa escola misteriosa que prepara meninas para o principal evento da região. A relação ambígua com Kristina e o ambiente intenso, com ares de culto, da instituição empurraram Maria para um processo de autodescoberta – e de implosão.

Em seu rol de títulos permanentes, a Mubi mantém "Titane", de Julia Ducounau, que ganhou a Palma de Ouro em 2021. Encontra-se lá também "Dahomey", de Mati Diop, que rendeu o Urso de Ouro para o Senegal em 2024.

LIFF/Divulgação



Lutas exuberantes consagraram o filme 'A Vingança é Minha', da Indonésia, que recebeu o Leopardo de Ouro

Operação Dragão contra o machismo

'A Vingança é Minha...', 'O' filme do Festival de Locarno de 2021, chega ao Brasil via Netflix e volta a abrir debates sobre sexismo e artes marciais quatro anos depois de sua consagração

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

É dia de conhecer quem vai concorrer ao Leopardo de Ouro de 2025, de 6 a 16 de agosto, sob o crivo do júri presidido pelo diretor cambojano Rithy Pahn, na Suíça, em meio à euforia cinéfila do Festival de Locarno, que anuncia nesta terça-feira (8) as atrações de sua 78ª edição. O Brasil já saiu coroadado com os troféus mais disputados desse evento no passado, com vitórias de "Terra Em Transe" (em 1967), "Fantasma Neon" (em 2021) e "Regra 34" (em 2022).

Essa maratona de curtas e longas-metragens pertence ao clube seletivo das mostras competitivas de maior relevo do planisfério audiovisual, ao lado de Roterdã, Berlinale, Cannes, Veneza e San Sebastián. Essa é a linha de frente do Velho Mundo, sendo que as Américas contam com o TIFF, em Toronto, no Canadá, como seu farol de excelências filmicas mais concorrido do Presente, alvo da atenção plena da Academia de Hollywood, que entrega o Oscar. Têm peso considerável também três festivais já maduros dos EUA: Sundance, Tribeca e Telluride. Em geografias brasileiras, temos Gramado, a Mostra de São Paulo, Brasília e o Festival do Rio.

Locarno já apontou muitas trilhas para a arte, mas viveu tempos difíceis, no fim dos anos 2010, quando deixou de arrebatar a mídia, por escolhas curatoriais burocráticas. Em 2021, essa fase de vacas magras acabou, com a escalção do crítico de Zurique Giona A. Nazzaro como novo diretor artístico. Capaz de citar a filmografia semiológica mais radical de Jean-Luc Godard (1930-2022) com a mesma paixão com que fala de "American Ninja" (1985), ele trouxe um novo colorido para a programação.

Não por acaso, o longa vencedor da edição que inaugurou a atual (e elogiadíssima) curadoria de Giona foi um thriller de artes marciais: "A Vingança É Minha, Todos os Outros Pagam em Dinheiro" ("Seperti Dendam, Rindu Harus Dibayar Tuntas"). Vinda da Indonésia, essa fita, uma joia, não teve espaço em circuito por aqui, mas acaba de entrar na Netflix, ao alcance de um clique.

Fora a presença no streaming, a produção volta a ser debatida, Europa adentro, ao passo

que uma nova lavra de candidatos ao Leopardo se prepara para rugir. Ecos de Bruce Lee (1940-1973) ampliam as taxas de adrenalina que rega esse longa. Dirigido por Edwin, um designer e cineasta de 47 anos que (como todo grande artista de sua cidade, Surabaya) usa apenas o prenome, "A Vingança é Minha..." é um thriller de kung fu (e outras lutas) nos moldes dos clássicos de Hong Kong. Lembra Jackie Chan, parece com os clássicos de Michelle Yeoh e evoca o cult "O Dragão Chinês" (1971). Seu diferencial em relação a seus congêneres está na maneira como a trama detona o machismo e todas as práticas sexistas. Começa pelo detalhe de que um dos personagens centrais, o feroz lutador Ajo Kawi (Marthino Lio), imbatível nos socos e nos pontapés, estar enfrentando uma impotência sexual incontornável. Nem ervas, nem mandingas resolvem sua situação.

"Há uma tradição de filmes de artes marciais que revisitaram o conceito de Bem e de Mal por meio de uma reflexão sobre justiça social, em que as lutas eram uma forma de corrigir uma série de contradições inerentes à opressão social. Nos anos 1980 e 90, quando minha geração teve acesso a essas histórias de batalha, descobrimos uma mirada política que nos permitia vislumbrar uma saída para a realidade de governo que nos cerceava", disse Edwin ao Correio em Locarno, referindo-se à ditadura do general Hadji Mohamed Suharto (1921-2008), vigente de 1967 a 1998, em terras da Indonésia.

Sua fonte foi um livro homônimo de Eka Kurniawan do qual extraiu a desconstrução física e moral dos gêneros narrativos e da representação do código da masculinidade. "Na diversão, há espaço para a educação contra a exploração", diz o diretor.

Indicado ao Urso de Ouro da Berlinale de 2012 com "Postcards From The Zoo", Edwin diz que a Indonésia tem uma produção cinematográfica pop vasta, com filmes cujo orçamento gravita entre 500 mil e 2 milhões de euros, lotando salas. "Até filme de super-herói a gente faz", gaba-se.

Construído a partir de uma montagem tensa, que torna ainda mais dinâmicas suas sequências de pancadaria, com ângulos de matar Van Damme de inveja, "A Vingança É Minha, Todos os Outros Pagam em Dinheiro" é uma junção de melodrama e thriller. Em seu enredo, Ajo Kawi quebra os ossos alheios por dinheiro, trabalhando para um chefe do crime, cujos desafetos ele extermina a soco. Numa missão em uma empreiteira, ele esbarra com uma jovem tão furiosa e letal quanto ele: Iteung (Ladya Cheryl). Os dois têm uma luta mortífera da qual Kawir sai todo quebrado, mas vencedor.

Por Affonso Nunes

Embora se caracterize pela intuição e pelo improviso, o jazz também se aprende na escola. É com essa premissa que o Blue Note Rio lança, a partir desta terça-feira (8) e nas semanas seguintes o Curso de Apreciação do Jazz. A proposta surge da percepção de que muitos frequentadores de casas de jazz carecem de conhecimentos básicos sobre a linguagem musical que tanto apreciam, criando uma barreira para a compreensão mais profunda das performances.

Cada ouvinte tem uma característica e fica difícil especular porque nem todo apreciador do jazz consegue entender o gênero. “Antes de tudo, vale reconhecer: só o fato de alguém se interessar por jazz e buscar ouvir gravações, assistir a shows e cultivar esse contato já é, por si só, uma forma legítima de compreensão”, explica Thiago Trajano, idealizador do curso e responsável pelas aulas. “Existe uma sabedoria intuitiva na escuta frequente, que vai sendo construída com o tempo, com o hábito e com o prazer que a música desperta. Mas o Jazz é uma linguagem cheia de sutilezas. Muitos dos seus elementos mais marcantes, — como a improvisação, interação em tempo real entre os músicos, o swing, o timbre, liberdade formal — nem sempre são evidentes à primeira escuta. Às vezes, esses aspectos passam despercebidos por falta de ferramentas para identificá-los”, completa.

Bacharel em Música Popular Brasileira e mestre em Musicologia pela Uni-Rio, onde também leciona Arranjo, Trajano construiu carreira versátil, transitando entre a academia e os palcos, tendo acompanhado nomes como Soraya Ravenle, Alma Thomas, Antônio Adolfo, Dora Vergueiro e Dulce Quental, além de integrar a Orquestra Sinfônica Brasileira.

A estrutura pedagógica do curso revela cuidado em equilibrar teoria e prática. “É justamen-



O Blue Note Rio abrigará de 8 a 29 deste mês curso sobre o jazz com o guitarrista Thiago Trajano

Estudando o jazz

Músico Thiago Trajano conduz quatro encontros que prometem aproximar o público dos fundamentos e história do gênero



Divulgação

te aí que um curso de apreciação faz diferença. Com exemplos guiados, trechos comentados e uma escuta orientada, o ouvinte começa a perceber como os solos se constroem, como os músicos se comportam, como um acompanhamento pode ser criativo e até narrativo. Essa mediação amplia não só a compreensão intelectual mas também a intensidade da experiência estética”, destaca o músico.

O encerramento acontece com uma “Jam Session comentada”, permitindo ao público vivenciar um concerto de clássicos do jazz com intervalos para esclarecimentos e perguntas. Os interessados podem adquirir módulos isolados ou o passaporte completo. O investimento é de R\$ 120 por aula avulsa ou R\$ 420 pelo curso completo. Os ingressos estão disponíveis no site do Blue Note Rio, através do link <https://encr.pw/NZ15r>.

Histórico e bombástico

Show reuniu formação original do Black Sabbath e grandes nomes do metal na despedida de Ozzy Osbourne dos palcos

O último show de Ozzy Osbourne com o Black Sabbath, realizado no sábado passado no estádio do Aston Villa, em Birmingham (Inglaterra), marcou o fim de uma era no rock mundial. O evento “Back to the Beginning” celebrou a despedida do Príncipe das Trevas dos palcos, mas também representou um momento histórico para o metal, reunindo pela primeira vez desde 2005 a formação original da banda que criou o gênero: Ozzy Osbourne, Tony Iommi, Terence “Gezzer” Butler e Bill Ward.

A apresentação ganhou dimensões épicas com a participação de bandas que moldaram diferentes gerações do rock pesado. Metallica, Slayer, Alice in Chains, Guns N'

Roses, Smashing Pumpkins e Anthrax subiram ao palco para homenagear os criadores do heavy metal. Como observou a crítica do The New York Times, “a escalação do festival refletiu a natureza poliglota da comunidade do metal hoje, ilustrando uma espécie de árvore genealógica viva do gênero, com Black Sabbath como raiz”.

Aos 76 anos e enfrentando as limitações impostas pelo Parkinson, diagnosticado há cinco anos, Ozzy demonstrou que sua presença magnética permanece intacta. O cantor permaneceu sentado em um trono preto durante toda a apresentação, mas sua performance continuou impactante.

Durante “Mama, I’m Coming Home”, sua luta para manter a afinção revelou-se “ao mesmo tempo



Ross Halfin

Diagnosticado com Parkinson e cantando sentado, Ozzy esbanja carisma e emociona a plateia

dolorosa e comovente”, segundo o The Guardian, que descreveu o momento como se ele “parecia à beira das lágrimas”.

O setlist enxuto de quatro clássicos - “Iron Man”, “N.I.B.”, “War Pigs” e “Paranoid” - pode ter decepcionado alguns pela brevidade, mas cada música carregou o peso de décadas de história do rock. A performance de “Mr. Crowley” foi descrita pelo The Independent como “bombástica”, enquanto o encerramento com “Paranoid”,

acompanhado de fogos de artifício e um bolo para um Ozzy visivelmente emocionado, transformou o que poderia ser um funeral em uma celebração vibrante.

Limitações físicas de Ozzy à parte, a crítica internacional soube reconhecer a importância histórica do momento. A Rolling Stone britânica destacou que “a grande tragédia é que, muitas vezes, lendas como ele morrem antes que celebrações desse porte possam acontecer”, considerando “um grande mi-

lagre ou intervenção divina” o fato de Ozzy estar presente “para fazer sua última reverência diante da própria tribo”. O tom de despedida definitivo “acrescentou uma carga emocional devastadora” ao evento.

O The Guardian, embora tenha considerado o show menos épico devido ao setlist reduzido, não poupou elogios aos “inventores do metal”, chamando Ozzy de “uma força da natureza desnordeante”. Já o The Independent foi além, afirmando que “o Black Sabbath soa como se ainda estivesse no auge”, demonstrando que mesmo com as limitações físicas, a essência musical da banda permanece poderosa.

Legado transformador

O evento foi o reconhecimento de um legado que transformou a música popular. Como concluiu o The Independent, o show celebrou “a deliciosa escuridão que Osbourne e seu clã libertaram há mais de cinco décadas e do colosso em que ela se transformou”.

A despedida de Ozzy dos palcos marca a passagem do bastão para as novas gerações do metal, todas filhas da revolução sonora iniciada pelo Black Sabbath no final dos anos 1960.

CRÍTICA / DISCO / CLAREIRA

Por **Aquiles Rique Reis***

Hoje falaremos de “Clareira – Filpo e a Feira” (Camboa/Distrokid), terceiro álbum de Filpo Ribeiro e do grupo A Feira. Suas oito faixas têm arranjos e composições inspiradas em forró, coco, repertório das bandas de pífano, samba de roda, e tudo o mais ligado à cultura caipira e caiçara do Sudeste, como fandango caiçara, reisada, romaria do Divino e lundus do Norte mineiro. O trem é doido, bróder! Eis algumas faixas.

“Salve Marabô” (Filpo Ribeiro e Ceumar): a viola de Filpo ponteia; o ritmo, pelas mãos de Alisson Lima e Marcos Alma, encorpa o arranjo. Ceumar (grande cantora, há tempos eu não a ouvia) assume o canto. Logo Filpo se junta a ela e cantam em terças, embalados pelo

agogô. Palmas de mão marcam o ritmo. A dupla canta firme, enquanto a viola ponteia e a rabeca (Filpo) dedilha notas. Um coro reforça o canto de Filpo.

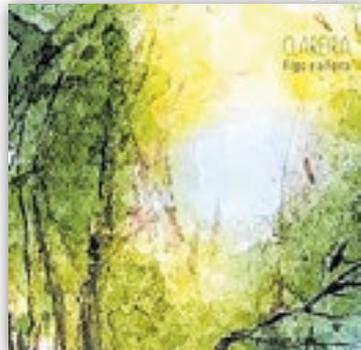
“Ybirá” (Filpo Ribeiro): Filpo canta arritmo, acompanhado apenas pela sua rabeca. Entram a zabumba de Lipe Torre e o violão de Filpo. Filpo se vale do pífano para solar. A rabeca retoma a cena. O duo (Lipe Torre e Marcos Alma) vocaliza sem letra.

“Cena de Cinema” (Filpo Ribeiro e Nilton Júnior): o violão de Filpo inicia com ele cantando o galope. O coro vem com ele e os seus pifanos. A viola caipira e a rabeca de Filpo capricham na pisada. A cantiga de amor se revela em belos versos.

“Nas Vage da Gameleira” (Filpo Ribeiro e Jaime Lira): o baião

Brasil na veia

Divulgação



resfolega na rabeca (Filpo) e no baixo (Marcos Alma). A pegada abandona a harmonia e segue só com a percussão. O coro triplo, Marcos Alma, Alisson Lima e Lipe Torres, permite que Filpo arrase na

cantoria.

“Clareira” (Filpo Ribeiro e Marcos Alma) dá título ao álbum e tem letra que sintetiza bem o espírito de todo o trabalho. Iniciado com viola caipira e guitarra de 12 cordas (Filpo), a cantiga cadenciada rola amparada pelas percussões (Marcos Alma, Alisson Lima e Lipe Torres) – destaque para as claves.

“Você Não Gosta de Mim” (Lipe Torre): o ritmo rola pela brasilidade de uma salsa. O couro come. O coro arrasa. Lipe Torres se desempenha no violão e na levada puxada pelas congas. Filpo Ribeiro brilha na viola dinâmica de dez cordas, nas rabecas e nos pifanos. O arranjo é suingado que só. Meu Deus!

Olha só, Filpo e A Feira nos apresentam um belo trabalho. Co-

nheço-os desde o primeiro álbum, Contos de Beira d’Água (2017), quando o comentei sob o título “Surpresa boa”. Desde então, já traziam o Brasil na veia. Ouvi-os importa. Acompanhá-los, também! Ouça o álbum em <https://acesse.one/Lap4k>

Ficha técnica

Produção musical e executiva: Filpo Ribeiro; gravação, edição e mixagem: Marcos Alma e Filpo Ribeiro; masterização: Marcos Alma (Estúdio Nheengatu); arte da capa: Adriana Nuso; distribuição: Distrokid. As rabecas usadas nas gravações foram confeccionadas pelos artesãos Seu Ernesto Dias Pariquera (Açú/SP), Nelson da Rabeca (Marechal Deodoro/SE) e Filpo Ribeiro.

*Vocalista do MPB4 e escritor

'Tive um luto doloroso e parte dele passou por eu deixar de ser capaz de escrever'

Djaimilia Pereira de Almeida dá vida ao livro sonhado pelo pai para saber lidar com a sua perda

Por Isac Godinho (Folhapress)

Desde criança, a escritora Djaimilia Pereira de Almeida ouvia seu pai falar sobre sua vontade de escrever um livro. Algumas vezes, ele chegou a dizer à filha que já havia feito boa parte da obra. O projeto foi ganhando cada vez mais presença nas falas do jornalista Joaquim Pereira de Almeida. Em janeiro de 2021, aos 63 anos, Joaquim morreu sem que o livro de sua vida chegasse a ser produzido. Mas uma semente havia sido plantada. Perder uma pessoa tão próxima impactou a vida de Djaimilia em muitos sentidos, e a literatura se apresentou como um caminho de cura. Assim nasceu "O Livro do Meu Pai", publicado há pouco no Brasil.

"Por vezes, imaginava em pavor como seria quando morressem os meus. O maior terror do mundo é esse enigma e as circunstâncias que o rodeiam. Agora, sei



“É como se houvesse um estranhamento provocado pela literatura. Como se a narradora do livro não fosse eu, nem aquela fosse a minha vida”

Djaimilia Pereira de Almeida

como foi. O enigma desfez-se, o nó desatou-se”, diz a narradora do livro, que discorre ao longo de 268 páginas sobre os sentimentos desencadeados pela perda de uma pessoa querida.

Com relatos de uma relação ora distante, ora afetuosa, a escritora reflete sobre os sentimentos em relação ao seu progenitor e sobre as múltiplas formas de se entender e encarar a finitude da vida.

“Eu tive um luto extremamente doloroso e parte desse luto passou por eu deixar de ser capaz

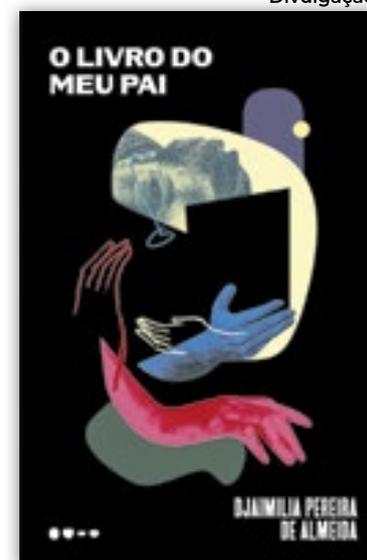
de escrever durante um longo período. Fisicamente eu não conseguia, era impossível escrever. Então, comecei a escrever este livro para tentar sobreviver à morte do meu pai”, diz a autora, de sua casa em Lisboa, durante uma conversa por videochamada.

Neste período de bloqueio, ela recuperou documentos, cartas, recortes de jornal e outros itens que o pai havia deixado. A partir desses registros, começou a imaginar o livro que seu pai teria feito e a desenvolver um exercício de escrita.

“Mais do que querer fazer uma homenagem ao meu pai, eu queria voltar a ser capaz de escrever. Só que o único assunto sobre o qual eu era capaz de escrever naquele momento era sobre ele e a dor que eu estava atravessando. E então fui escrevendo aos poucos.”

A autora de obras premiadas como “Luanda, Lisboa, Paraíso” e “A Visão das Plantas” conta que retomar trabalhos antigos de seu pai como repórter foi importante para reconhecer uma personalidade que ela ainda não conhecia tão bem.

Divulgação



Divulgação

Nascida em Angola e criada em Portugal, Djaimilia conta que o pai viajou muito a trabalho entre os 18 e os 26 anos, e, quando ela era pequena, retornou ao seu país natal levando a filha. Por isso, as lembranças que tinha das aventuras profissionais de Joaquim vinham de relatos saudosistas.

“É uma experiência curiosa pensar que aos 19 anos, quando eu nem sequer era nascida, meu pai já tinha aquela voz, já era uma pessoa antes de eu ser uma pessoa. Ler os textos dele me permitiram ter esta percepção muito forte de que nossos pais e nossas mães já são alguém antes de nos trazerem ao mundo. E, por isso, trilharam caminhos que nos são estranhos”, reflete a autora.

Questionada sobre as dificuldades de expor vulnerabilidades ao público, Djaimilia diz que apesar de ser uma pessoa reservada, consegue se mostrar mais livremente por meio de seus trabalhos.

“A partir do momento em que uma coisa muito pessoal é dita dentro de um livro, automaticamente, em virtude de eu submetê-la à construção de uma história e às leis que dizem respeito ao domínio das palavras, essa coisa começa a tornar-se outra em relação a mim e deixa de ser tão pessoal assim”, diz.”

“É como se houvesse um estranhamento provocado pela literatura. Como se a narradora do livro não fosse eu, nem aquela fosse a minha vida, e fosse mais uma figura de ficção.”



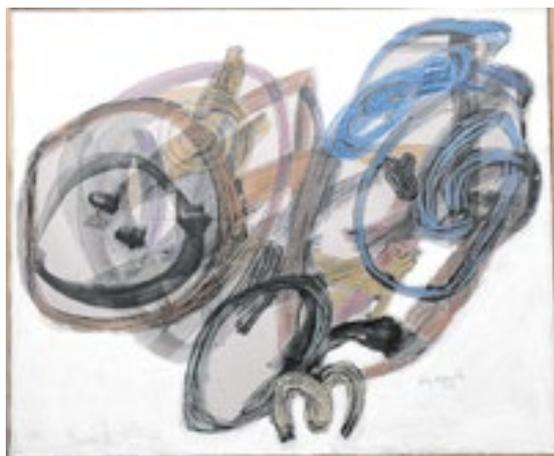
Luiz Aquila apresenta trilogia inspirada na bandeira brasileira e obras recentes na Galeria Patrícia Costa

As paisagens interiores de um artista

Por Affonso Nunes

Luiz Aquila inaugura nesta quinta-feira (10) sua nova exposição individual “A Escolha do Artista”, na Galeria Patrícia Costa, em Copacabana. A mostra apresenta um conjunto de 22 obras selecionadas pelo próprio artista, incluindo uma trilogia especial inspirada nas cores da bandeira brasileira e trabalhos recentes em pintura e técnica mista sobre cartão.

A exposição é um complemento natural da mostra que o artista inaugurou em junho no Paço Imperial, consolidando um período particularmente produtivo do artista. Aos 75 anos, o pintor mantém ritmo criativo intenso, dividindo-se entre seu ateliê tradicional na serra de Petrópolis e o novo espaço na Praia de Botafogo, onde tem



Em sua segunda individual em cartaz na cidade, Luiz Aquila apresenta sua produção mais recente



passado a maior parte dos dias da semana.

“Desde que eu retomo a pintura de uma maneira mais gestual e espontânea, no final dos anos 70, a minha grande influência é o Rio. A forma orgânica das montanhas, a própria arquitetura, a maneira como se circula pela cidade... o simples fato de caminharmos sobre calçadas de Roberto Burle Marx, que considero o maior artista brasileiro. Todo esse movimento e formas cariocas influenciam demais o meu trabalho, mas não de uma forma realista. O Rio mexe com a minha ‘inner scape’, a minha paisagem interior”, revela Aquila.

O destaque da exposição é uma trilogia de telas que reinterpreta as cores da bandeira nacional. Cada obra explora uma cor predominante – verde, azul e amarelo. “É o resgate da minha bandeira”, afirma o artista.

A parceria com a galerista Patrícia Costa, que representa Aquila há mais de duas décadas, permite ao artista exercer controle curatorial sobre suas próprias obras. O texto de parede escolhido para a mostra, “Lição de Pintura” de João Cabral de Melo Neto, oferece uma chave de leitura para compreender a filosofia artística de Aquila. Os versos cabralinos – “Quadro nenhum está acabado, disse certo pintor; se pode sem fim continuá-lo, primeiro, ao além de outro quadro que, feito a partir de tal forma, tem na tela, oculta, uma porta que dá a um corredor que leva a outra e a muitas outras” – ecoam a busca constante do pintor por novos territórios expressivos.

A trajetória de Aquila, iniciada nos anos 1970 com uma abordagem mais gestual e espontânea da pintura, consolidou-se ao longo das décadas como uma das vozes mais consistentes da arte brasileira contemporânea.

SERVIÇO

A ESCOLHA DO ARTISTA

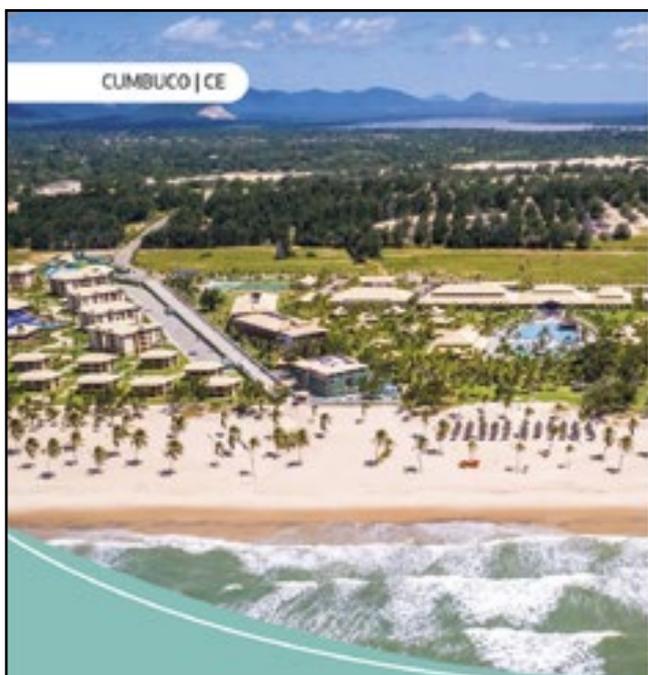
Galeria Patrícia Costa (Av. Atlântica, 4.240 - loja 224 - Copacabana

Abertura: 10/7, das 18h às 21h

Até 9/8, de segunda a sexta (11h às 19h)

sábados (11h às 17h)

Entrada franca



PARA OS SEUS SONHOS, OS MELHORES
destinos.
PARA VOCÊ, A MAIOR REDE DE RESORTS DO BRASIL.

Nos resorts all inclusive da Vila Galé a alegria dura o ano inteiro.
Viva momentos inesquecíveis com muito conforto e diversão.

